Alexandra Barros EXPLICAR *a morte* ÀS CRIANÇAS

Todos os dias a morte chega às crianças através dos noticiários e dos filmes – mesmo os direcionados para elas, como o recém-estreado *O Rei Leão*. Alexandra Barros, psicoterapeuta especializada em crianças, do gabinete Psicronos, explica o impacte destas notícias. E sugere que até aos 10 anos a supervisão paternal seja apertada.

ENTREVISTA DE **BÁRBARA CRUZ**
FOTOGRAFIAS DE **LEONARDO NEGRÃO** /GLOBAL IMAGENS

Qual o impacte das notícias sobre mortes nas crianças?

–Há três conceitos associados. O da reversibilidade e consequente irreversibilidade, entre os 7 e os 10 anos, quando as crianças começam a perceber que algumas ações podem ser revertidas e outras são irreversíveis. Até aí, a morte não é definitiva e os desenhos animados motivam isso. Depois, o conceito da universalidade: a morte atinge todos os seres vivos. Há uma fase em que acham que são só os animais, depois algumas pessoas, a seguir entendem que são todas as pessoas, mas que elas, os pais e os mais próximos não são atingidos. Até aos 7 anos acham que se beberem um remédio o dói-dói passa. Só depois percebem que a morte é uma condição da vida que afeta a todos. Até elas próprias.

Com que idade percebem tudo?

–Perto dos 9 anos percebem os conceitos da reversibilidade e irreversibilidade, da universalidade e da não funcionalidade. Que as funções vitais cessam, as pessoas deixam de respirar, comer, pensar ou sentir. É uma aprendizagem gradual e o impacte da morte nos noticiários vai sendo diferente e as explicações a dar têm de ser diferentes. Também depende da quantidade de televisão que veem.

E devem ver muito ou pouco?

–As indicações da Academia Americana de Pediatria, que estão talvez descontextualizadas, dizem que até aos 2 anos as crianças não devem ver televisão, a partir daí podem ver uma hora por dia durante a semana e duas horas ao fim de semana, sem terem televisão no quarto. Se formos ver em quantas famílias isto acontece, não vamos encontrar muitas. A criança tem cada vez mais cedo contacto com a violência e a morte.

As crianças reagem da mesma maneira quando as mortes no noticiário se devem a desastres naturais ou quando percebem que se trata de um atentado com mão humana?

–O impacte tem uma base comum. Sempre que faz perguntas sobre a morte, a criança quer saber se ela e os pais estão seguros e

se vão estar sempre ali para cuidar dela. Em relação às mortes violentas, que têm muito mediatismo, não nos devemos antecipar às crianças. O que elas perguntam dá-nos o grau de entendimento que têm sobre a morte. No que diz respeito a homicídios, atentados, mortes violentas, o que pode acontecer é a criança ter a sensação de que o mundo dos adultos não é um lugar seguro e que elas podem correr riscos. O que lhes devemos dizer é que a maior parte das pessoas não faz esse tipo de coisas e que os sentimentos negativos também são controláveis, que nada vai acontecer quando o pai se zanga ou a professora grita. «Algumas pessoas fazem isto, mas a maior parte não faz e tu estás seguro.»

Este confronto precoce com a morte pode trazer perturbação para a criança?

—Sim. Mesmo bem explicada, a morte pode causar angústias e as crianças reagem de maneira diferente. Algumas fazem muitas perguntas sobre o assunto e fica encerrado, outras que ficam a pensar durante algum tempo e voltam a perguntar mais tarde, outras não perguntam de todo e parece não haver um grande impacte. E também há as que não perguntam e ficam com tudo dentro delas, o que pode causar angústias e refletir-se em pesadelos, dificuldades em dormir ou alterações de comportamento.

Já na adolescência, pode ser forma de despertar algum tipo de ativismo?

—Aí começa a acontecer algo um pouco diferente, que é filosofar sobre a morte e o sentido da vida: porque andamos aqui se, de repente, vamos na rua e um louco desata aos tiros? Podem ocorrer comportamentos de risco que servem para desafiar o medo da morte mas, ao mesmo tempo, para terem um sentimento de controlo sobre a própria mortalidade. Os adolescentes andam entre vários pontos: o desafiar, o perceber, a revolta contra os outros. Todas as vivências que contribuíram para a formação da sua personalidade, aliadas à forma como vivenciam o que observam na televisão podem, nalguns casos, levar a um ativismo positivo ou negativo.

Também é uma forma de aprendizagem?

—Se os pais acompanharem tudo aquilo que as crianças e os jovens veem na televisão, ou o máximo que puderem, e conseguirem desenvolver-lhes um sentido crítico estando ali ao lado a perguntar «o que é que achas disto que aconteceu, achas correto, como se poderia ter resolvido?», a televisão também pode ter um lado pedagógico.

Os pais que vêm notícias à hora do jantar devem proibir as crianças de o fazer?

—Se pensarmos nas indicações da Academia Americana de Pediatria, concluímos que talvez o melhor seja mesmo as crianças não verem o noticiário e o pouco tempo que se recomenda que vejam televisão seja com outro tipo de programas mais pedagógicos. Tendo em conta que hoje há cada vez menos tempo de qualidade, a hora de jantar deverá ser um tempo de partilha.

O consumo de noticiários deve ser controlado?

—Sim. Até porque as crianças cada vez menos sabem brincar. Estão desde muito cedo agarradas à televisão e às consolas de jogos, não desenvolvem a fantasia, a imaginação, a abstração que lhes vai permitir ao longo do tempo perceber emocional e cognitivamente o mundo. As crianças hoje, mesmo as mais inteligentes, parecem funcionar num plano muito concreto do aqui e agora, o que está em parte relacionado com a falta do brincar. Há uma tendência a formar crianças «Enstein», mas os principais requisitos à aprendizagem e ao desenvolvimento da criança estão no brincar, é como elas aprendem a maior parte daquilo que as prepara para a vida em termos escolares e emocionais. Se brincarem às mortes com bonecos vão perceber que há um dói-dói, que por vezes é demasiado grande e não se consegue curar.

«A HORA DE JANTAR DEVERÁ SER UM **TEMPO DE PARTILHA,** NÃO DE NOTICIÁRIOS.»

«Não nos devemos antecipar às crianças», diz a psicoterapeuta infantil Alexandra Barros. O que elas perguntam dá-nos o grau de entendimento que têm da morte.